

EU PECADOR

A FÉ NARRADA PARA ADULTOS

Coleção CATEQUESE

- *Meu pequeno catecismo*, Juan Antonio Carrera
- *Catequese junto à pessoa com deficiência mental*, Ana Shirlei P. Vinhal; Lucy Ângela C. Freitas
- *Confessar sem medo: dez passos para uma frutuosa confissão sacramental*, José Roberto de Souza
- *Eu pecador: a fé narrada para adultos*, Helcion Ribeiro

HELCION RIBEIRO

EU PECADOR

A FÉ NARRADA PARA ADULTOS



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial: *Frei Darlei Zanon*
Coordenação editorial: *Pedro Luiz Amorim Pereira*
Gerente de *design*: *Danilo Alves Lima*
Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*
Preparação do original: *André Tadashi Odashima*
Capa: *Elisa Zuigeber*
Diagramação: *Karine Pereira dos Santos*
Imagem capa: iStock
Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Ribeiro, Helcion.

Eu pecador : a fé narrada para adultos/ Helcion Ribeiro. - São Paulo : Paulus, 2023. (Coleção Catequese)

ISBN 978-65-5562-804-3

1. Catequese - Igreja Católica 2. Fé I. Título II. Série

23-0039

CDD 268

Índice para catálogo sistemático:

1. Catequese - Igreja Católica



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções:

paulus.com.br/cadastro

Televidas: (11) 3789-4000 / 0800 016 40 11

1ª edição, 2023

© PAULUS – 2023

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-804-3

Índice

NARRAR A FÉ PARA ADULTOS	7
1. DEUS CRIOU O HOMEM. QUAL?	17
2. POR QUE O PRESENTE DEPENDE DO FUTURO? ...	45
3. AS LOUCURAS DO AMOR DE DEUS	75
4. DEUS VIVE NA CIDADE DOS HOMENS	111
5. O SENTIDO, ANTES DE TUDO	145
6. HUMANOS, GRAÇAS A DEUS	167
7. EU PECADOR	195



NARRAR A FÉ PARA ADULTOS

O amor supõe sempre um ato de fé na pessoa amada. O amor, porém, tem mil faces. E pode revelar-se até em aparentes contradições, porque a vida é dinâmica. Quem ama cresce. Do mesmo modo, a fé, fruto do amor, cresce também.

É certo que o amor e a fé não precisam de livros, de teorias. Ama-se porque se ama. Crê-se porque se põe fé na pessoa ou objeto crido. Tanto amar quanto crer é um ato primeiro. Fundamental e existencial. Discursar, teorizar ou colocar em palavras o amor, ou a fé, é um ato segundo. Alguém pode amar, pode ter fé, sem saber descrever como ama ou crê.

Esses dois e distintos sentimentos humanos dinamizam a vida permanentemente. São sentimentos básicos, entranhados no coração. Nenhuma arte ou discurso os esgota. Podem, isto sim, aprofundá-los. O que é bem diferente de medi-los. Como são atitudes existenciais, eles se apresentam ora como indecifráveis, ora como ambíguos. Mas também se apresentam com alegria. Como molas propulsoras para a vida.

Todos os discursos, poesias, pinturas, filmes etc. são tentativas de evidenciá-los. Como eles têm mil faces, nenhuma delas esgota seu significado global. Muitas vezes, porém, na história, alguns quiseram fazer, da sua, a última palavra a ser dada sobre o amor e a fé. Como decorrência, criaram-se dogmatismos e ditaduras. Esses e outros fatos contribuíram, sobretudo, ao longo da história, para diminuir o ser humano e enfeiar a sociedade.

Tanto as narrativas sobre o amor quanto sobre a fé são experiências pessoais dos que as narram. Esse ato segundo

quer ser a expressão daquilo que se passa no mais profundo da pessoa. Sua expressão narrativa é sempre uma tentativa de aproximar fato e descrição. E isso, também e sempre, é um ato humano para iluminar a vida.

As narrativas que se apresentam, neste livro, não são dogmáticas. O autor reconhece e respeita os dogmas de sua fé. Porém, crê na possibilidade e direito de ser livre para narrar seu amor e sua fé. Sobretudo, tem a convicção de que até mesmo os dogmas e declarações dogmáticas podem evoluir, a fim de se ajustar à compreensão hodierna. Não se perdem a validade e a essência deles. O essencial permanece. O acidental pode mudar.

Todavia, eles devem se adequar às novas formas de pensar. E exigem simultaneamente a compreensão de quem narra e de quem ouve a narração. Uma verdade dita a uma criança não pode ser repetida do mesmo modo a um adulto. Mudanças socioculturais têm sempre criado novos pontos de vista. Entrementes, a vista de um ponto pode estabelecer novas riquezas da narrativa. Assim, o ponto de vista de um presidente nacional dificilmente coincide com a visão de alguém que se coloca como cidadão comum. Um amante não vê necessariamente seu amado do mesmo modo que é visto por outra pessoa. Vale o mesmo para quem provoca um acidente e o acidentado. A vista de um ponto é um ponto de vista. Também assim se compreende, hoje, que as verdades científicas ocupam uma visão a partir de um ponto – como, por exemplo, o tempo. O narrador tem sempre um ponto de vista. Diferente é dogmatizar, produzir leis ou algoritmizar. Nisso, não há espaço – diz-se – para a subjetividade.

Quem narra as coisas do amor sempre estará posicionado num ponto de vista. Do mesmo modo, quem crê sempre tem algo de pessoal na forma de narrar. Não se nega que o amor ou a fé tenham certa objetividade. Num passado, certas afirmações dadas como objetivas – com base em filosofias ou ideias hegemônicas – estabeleceram

certezas como se fossem verdades absolutas. Por exemplo: o geocentrismo, a “teoria” da criação, a indivisibilidade do átomo. Não mudou a realidade. Foi o conhecimento que fez mudar a narrativa.

Sem dúvida para que exista o amor são necessários aquele que ama e aquele que é amado. Para que exista a fé, importam aquilo em que se crê e aquele que crê. Porém, isso deve ser expresso. Aí entra a narrativa através das palavras. Tais palavras podem até mesmo se tornar “carne”. Foi o que aconteceu com Jesus de Nazaré. Ele é a narrativa do amor de Deus entre nós. “Deus tanto amou o mundo, que nos deu seu filho único” (Jo 3,16). Deus, que é amor (cf. 1Jo 4,16), apareceu com o rosto de Jesus. E assim chamou-se. O amor divino aí se mostrou em atenções, palavras de consolo, curas, refeições, perdões, parábolas, e até a entrega da própria vida. São necessárias palavras de fé e de amor para entender esse amor. De forma igual, é preciso buscar o sentido da vida, sentir-se humano, conviver com Deus em nossas cidades, perceber seu louco amor por nós, entender o presente à luz do futuro e sentir o próprio limite humano. Tudo isso necessita uma narração capaz de ser convincente.

Tal narração, porém, deve levar em conta a situação das pessoas, especialmente as viventes neste tempo e neste mundo com tanta mudança, conhecimentos e correrias. Assim, narrar a fé – como falar do amor – *para adultos* necessita novos enfoques e novas posturas. Narrar a fé para adultos implica ter coragem de dizer as mesmas coisas da grande tradição da própria fé. As tradições já dadas tanto podem justificar a inércia quanto podem camuflar a verdade. Narrar a fé para adultos é, em primeiro lugar, um ato de amorosa paixão e de esforço pessoal. Porque quem narra quis despir-se da presunção e, ao mesmo tempo, encarar o ouvinte/leitor de modo adulto. Narrar para cristãos é dizer o que se crê, sem nunca abandonar o princípio fundante: Jesus, o Filho de Deus. Narrar a fé para adultos é tentar falar com o homem

moderno tão crédulo nas ciências – de todas as espécies – quanto na autonomia social. Isto é, do homem que diz não necessitar mais do Deus de sua infância.

Uma criança ouve e acredita na palavra de seus pais. Eles lhe dão a segurança e sentido. Um adolescente acredita no que vê os outros fazerem, mesmo que acredite muito nos seus pares. Um adulto normalmente não acredita senão no que faz e no que pensa. Quer ser senhor do que pensa e do que faz. Diante da fé, o adulto vê, escuta, pergunta, informa-se, compara. E onde sente insegurança ou falta de profundidade, vira as costas e parte...

Este nosso *Eu pecador: a fé narrada para adultos* quer ser uma proposta de diálogo com quem se sente crítico e responsável pelo que crê. Todavia, quer se confrontar mais profundamente e de modo adulto com as explicações do que crê.

Assim, esta nossa narrativa parte, normalmente, das realidades que nos cercam e afetam, para descrever e aprofundar o que se crê. Isso é também um ato de amor. O amor e a fé podem ser inexprimíveis por si só. Mas, é possível narrá-los sempre de novo, e narrar de modo adulto.

Quem – no universo católico, do dia a dia – se sente *pecador*? Quem faz pecados? Ou ainda, que pecados faria quem peca? Esta narrativa não quer responder essa questão. Todavia – mesmo constatando os males, as imperfeições, a violência e outras atitudes humanas –, a compreensão do *Eu pecador*, aqui, se faz num outro plano. Todo o texto preocupou-se com a relação entre o ser humano e Deus. Não se quer aqui criar espaços para confessionários ou discussões sobre leis e moral. Antes, o objetivo básico é compreender o ser humano real e histórico diante da grandeza e bondade de Deus.

A linha que perpassa toda a obra é, pois, uma proposta de refletir sobre dimensões poliédricas da vida do ser humano, desde a perspectiva da fé em Deus.

Para muitos, a expressão bíblica sobre a criação do homem, por Deus, perdeu sua força convincente. Darwin abriu o caminho da interpretação evolucionista. Reconhecendo o próprio de cada campo, ciência e religião não têm mais por que sustentar discussões inócuas. As interpretações sobre a origem e a evolução não mais se contrapõem. Tampouco se compõem. Mas, ambas compreendem melhor o ponto de que partem para suas afirmações, o limite de suas constatações. O *Homo sapiens* tem origem histórica não só nos hominóides. Na verdade, sua origem remota pode ser situada no próprio *Big Bang*. Passando pela vida mais elementar, desabrochou como homem moderno, após a milenar eliminação das quatro outras espécies humanas. Diante da afirmação bíblica e da necessária pergunta: “Deus criou o homem. Qual?”, constrói-se o *primeiro capítulo*. Procura-se, aqui, situar o leitor sobre de que ser humano fala a Bíblia.

A vida de qualquer pessoa é um processo que se desenvolve como uma árvore que lança galhos e folhas em todas as direções. Ela nunca está pronta. Os múltiplos fatos desafiam a vida. Um dos mais impactantes é a irreversibilidade da morte. Apesar disso, ela é um contraponto à ressurreição. A morte e a ressurreição, contudo, não são fim em si mesmas. Não fomos feitos simplesmente para morrer e ressuscitar. A grande meta querida por Deus é a nossa vida plena. O que só acontecerá, de modo definitivo, nele mesmo. Isso, porém, depende fundamentalmente dele. Nenhum homem ou mulher pode decidir sobre o além. Todavia, uma vida honrada, justa, nobre, aqui e agora, prepara homens e mulheres para receber o que Deus nos prepara e nos concedera gratuitamente. A resposta a “Por que o presente depende do futuro?” – *capítulo segundo* – está alicerçada na bondade do Senhor, na esperança de cada crença, e, sobretudo, no seu modo de viver. O (nosso) futuro é motivação para o presente.

A grande e significativa experiência do amor dos homens e mulheres indica motivos sem conta das loucuras humanas. Os humanos projetam também as loucuras do amor em seu(s) deus(es). Os amores são sempre situados. Mas, fazem cotidianamente as pessoas se autotranscenderem. Por causa dos amores, chegou-se a descobrir que Deus se faz presente, de modo concreto, também entre os habitantes da cidade. Ele não é um Deus distante, impassível, transcendente. Antes, envolve-se em nossa história, a ponto de ser detectado em gestos de amorosa loucura. Jesus objetivou isso por meio de seu jeito de amar. Viveu um amor tão extremado a ponto de abrir mão de sua divindade, junto ao Pai, para fazer-se um de nós entre nós. Foi capaz de acolher a todos com um surpreendente amor. E como ato supremo de loucura de amor por nós – sem mérito ou dívida nossa –, entregou a própria vida, na cruz, afirmando que “ninguém tem amor maior que aquele que dá a vida pelos amigos” (Jo 15,13). Vendo o Filho doar-se “até o fim”, o Pai o ama entranhadamente. Sofre nele e com ele, que se entregava por nós. Esse louco amor de Deus, pelo Filho e por nós, é o caminho que Deus se impôs para nos levar a ele. O *capítulo terceiro* fala sobre “As loucuras do amor de Deus”.

O *capítulo quarto*, “Deus vive na cidade dos homens”, ressalta o sentido da presença de Deus, através daqueles que creem. Constata-se que, na cidade, não há apenas torres, cruzeiros, meias-luas, templos, terreiros, mesquitas etc. Há, inclusive, uma multiplicidade de religiões e féis. Tudo isso torna a cidade um espaço para os deuses e as religiões que aprendem a conviver, através das pessoas que neles creem. Cria-se – até a despeito dos homens e mulheres do sagrado – uma ecumenicidade religiosa pacífica. Para perceber e fundamentar a experiência sobre Deus, no espaço urbano, olha-se, nesse capítulo, para Jesus de Nazaré, com sua Boa-nova, dentro do espaço urbano, sem se ater ao sociológico.

Na cidade, Jesus encontra o ser humano, em particular os desvalidos. A partir dele se descobre a presença de Deus no agregado urbano. E ele vai se manifestar como guardião e pedagogo, que concede dons e carismas para o bem comum. Age nos espaços laicos e seculares, por meio de seus crentes. Ele transcende o desenvolvimento técnico-científico dos homens, pois olha o coração de seus filhos e filhas. E particularmente, olhando os marginalizados, é capaz de lembrar e dizer: Vi meu Filho crucificado de novo.

O *capítulo quinto*, “O sentido, antes de tudo”, pontualiza a questão antiga e sempre posta de novo sobre as perguntas do significado da existência humana. A busca no horizonte humano é sempre limitada demais. Homens e mulheres de todos os tempos e lugares buscaram, para além de si, em algo que os transcendesse, uma resposta. Geralmente, é pela porta da religião que se satisfaz o coração. Contudo, as religiões e seu(s) deus(es) podem ser respostas tão humanas, que nada seriam além de projeções e desejos. Surge aí uma questão: também o cristianismo deve ser compreendido como uma religião? Ou – como muitos afirmam –, apesar de milhares de grupos cristãos que o compõem, o cristianismo não é uma religião? E por não sê-lo, e apontando para Jesus Cristo, antes e acima das religiões, é que se pode descobrir nele um portador de sentido de vida.

O *capítulo sexto*, “Humanos, graças a Deus”, longe de definir o indefinível ser humano, procura situá-lo tanto no universo macro quanto no microscópico. Irmãos entre si, os humanos são filhos e irmãos do universo cósmico. Mas, entre si, repetem a metáfora bíblica de Caim e Abel. Eles se amam e se odeiam. Buscam-se e se destroem. São humanos porque capazes de pensar o próprio pensamento. Eles, todavia, se percebem distintos entre os iguais. Tanto quanto se personalizam por estarem diante dos outros, podem desconsiderar o outro, sobretudo desprezando-o. Iguais entre si, eles têm, todavia, um parâmetro mais nobre: Jesus de

Nazaré, o homem que veio de Deus. E porque só poderia provir de Deus, mostrou-nos quem ele é e quem realmente somos nós – apesar de estarmos a caminho.

Há muitas maneiras de nós nos compreendermos e interpretar nossa vida. Viver é perigoso. São tantas as ambiguidades que a vida nos apresenta, mas também são tantas as alegrias. Ambiguidades podem nos levar a uma consciência maior de quem somos. Aí percebemos nossos limites, certamente não como mera (e inconsciente) imperfeição. Males sociais e pessoais, por vezes, são apresentados como culpas pecaminosas do ser humano. São Paulo também compreendeu assim a história. Porém, ao entender a vida de Jesus, deu um novo significado à humanidade. Jesus Cristo é o novo e verdadeiro Adão (cf. 1Cor 15,20-21; Rm 5,17-19). Filhos do “velho” Adão, necessitamos de Cristo para nos renovarmos. A partir da ideia paulina, impôs-se uma interpretação: nossos pecados teriam exigido a morte de Cristo. Atribuía-se à natureza humana o estatuto de pecador. Só Cristo poderia fazer-nos criaturas novas (2Cor 5,17).

A reinterpretção desta ideia paulina pode, todavia, toldar algo mais profundo: o “velho Adão” – homem natural e ainda a caminho da pátria – vive entre as contradições desse mundo. Ele pode ser um pecante, mas fundamentalmente é filho de Deus, criado à sua imagem e semelhança. E diante da santidade do Pai de nosso Senhor Jesus, pode extasiar-se e confessar quem ele é. “Eu pecador” é o tema do *capítulo sétimo*.

Em resumo, este livro busca responder a uma afirmação bíblica: “Deus criou o homem. Qual?”. Isso produz uma questão: “Por que o presente depende do futuro?”. Ao mesmo tempo, aponta-se para “As loucuras do amor de Deus” que se manifestam. Sabe-se que “Deus vive na cidade dos homens”, mesmo que seja, ao mesmo tempo, vivente no coração de cada pessoa. E isso dá “O sentido, antes de tudo”.

É por isso que se pode afirmar: somos “Humanos, graças a Deus”. Mas, também é necessário professar diante de Deus: “Eu pecador”.

Antes de entregar meu texto ao leitor, devo confessar: estas minhas reflexões são resultados paralelos de muitos anos de estudos teológicos e reflexões sobre o ser humano diante de – e em confronto com – Deus. Aqui, não me proponho a um tratado dogmático ou sistemático. Pelo contrário, já fiz tal proposta em outras ocasiões. Preferi um jeito livre de narrar. É verdade que, em várias páginas, transparece um tanto de ciências teológicas. São também temas doutrinários e dogmáticos da fé cristã, em particular de antropologia teológica. Nisso está o sentido de *narrar a fé para adultos*.

Quis – todavia, sem perder a tensão entre Deus (o que toma a iniciativa de nos procurar) e o homem (o que busca a Deus) – narrar e ajudar a fé dos que mais adultamente querem compreender o que e por que creem. E, nisso, vão algumas coisas poéticas, outras mais radicais e algumas mais questionadoras. A fé também precisa de espírito crítico – que se arrisca até a dizer de modo diferente o que se aprendeu na “iniciação cristã”.

Com carinho, escrevi estas páginas. Agradeço a Emilson Reginaldo Ribeiro, que as leu primeiramente. Corrigiu vírgulas, pontos, incongruências e repetições. Cuidou das ideias, linguagem e gramática. Se não fosse pela responsabilidade do que escrevi, diria que ele é quase coautor.